

Pessoa sob o sinal da Besta: a escrita de “O Ultimo Sortilegio” e “Hymno a Pan”

Luciano de Souza*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Aleister Crowley, Hymno a Pan, O Ultimo Sortilegio, Thelema

Resumo

Tratada com mais ou menos sensacionalismo, a relação entre Fernando Pessoa e Aleister Crowley atraiu a atenção dos estudiosos do primeiro principalmente pelo seu caráter anedótico. Poucas, todavia, foram as tentativas de reconhecer e entender as ramificações dessa ligação na escrita do autor português. O objetivo deste estudo é, pois, analisar o discurso de Pessoa em alguns de seus textos a fim de apreender de que forma autoria e ironia alternativamente dissimulam e revelam a influência do ocultista inglês ao longo do processo em que se deu a tradução do “Hymno a Pan”, de Crowley, e a criação de “O Ultimo Sortilegio”, um dos mais enigmáticos poemas de Fernando Pessoa.

Keywords

Fernando Pessoa, Aleister Crowley, Hymn to Pan, The Last Spell, Thelema

Abstract

Discussed with more or less sensationalism, the connection between Fernando Pessoa and Aleister Crowley has interested Pessoa scholars mostly for its anecdotal character. However, there have been but a few attempts to acknowledge and understand the extent of that relationship in the writings of the Portuguese poet. Therefore, the purpose of this paper is to analyze Pessoa’s discourse in some of his texts in order to apprehend how authorship and irony alternatively conceal and manifest the influence of the English occultist throughout the process involving the translation of Crowley’s “Hymn to Pan” and the composition of “The Last Spell”, one of Fernando Pessoa’s most enigmatic poems.

* Doutorando pelo Departamento de Letras Contemporâneas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. O presente artigo foi preparado como parte da pesquisa realizada para a redação da tese de doutoramento intitulada *In Sorte Diaboli: Satã e satanismo(s) na obra de Fernando Pessoa*, a qual se encontra em desenvolvimento com o auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

Sentir a oposição do meio é o principio do estímulo da victoria. Isto me deu o Mestre Therion com auctorização superior. Criar a desanalogia entre mim e o que me cerca – eis a primeira passada e a vigilia que começa.

A insatisfação, eis o inicio. Honra ao Mestre que deu, atravez da ironia do que succede, a verdade que existe para que não succeda.

Assim sei que sou quem sou, e terei que o ser separadamente. A alta licção do escarneo alheio alberga astros em seu futuro.

Fernando Pessoa (in Pessoa e Crowley, 2010: 302
[BNP/E3, 299^r])

“Numa vida tão pobre de acontecimentos exteriores, o encontro com Crowley é autêntica dádiva para os biógrafos” (Bréchon, 1999: 448). Essa declaração, no contexto dos estudos sobre Fernando Pessoa, claramente faz referência ao célebre episódio ocorrido em setembro de 1930, em Lisboa, pouco tempo depois de o poeta do poema “Tabacaria” e o escriba do *Livro da Lei* – também conhecido, entre outros nomes, por Mestre Therion e A Grande Besta 666 – terem estabelecido um breve contato epistolar. De fato, biógrafos e comentadores da obra pessoana, em quase sua totalidade, observaram, por diferentes ângulos, a relação entre aquelas duas personagens, não raro tendo como principal interesse, em suas considerações, as maquinações envolvendo o fictício suicídio de Crowley, episódio que, como se sabe, teve participação ativa de Pessoa.

Não surpreende, assim, que nas várias ocasiões em que o contato entre Fernando Pessoa e Aleister Crowley esteve em pauta, em parágrafos esparsos ou em textos integrais dedicados especificamente ao assunto, fossem apresentadas algumas interpretações que, de certa forma, desviaram-se do caleidoscópico horizonte literário de Pessoa ao focarem sobremaneira os fatos e factoides biográficos do encontro, sub ou superestimando certos temas isoladamente e dissociando-os da escrita do poeta; como, por exemplo, o inquestionável viés esotérico que subjaz na relação daquelas figuras. Outras aproximações, em menor número, acertadamente optaram por identificar os desdobramentos daquele evento na produção de Fernando Pessoa, com isso instaurando uma discussão acerca das consequências efetivamente literárias daquilo que foi recentemente qualificado como um “encontro impossível”.¹ Afinal, como aponta Robert Bréchon (1999: 454, 455), ainda que não se deva estabelecer um cotejo entre a obra de Pessoa e a de Crowley, muito do que o poeta escreveu após 1930 advém do contato com o mago.

¹ A designação, de Steffen Dix, origina-se do artigo “Um encontro impossível e um suicídio possível: Fernando Pessoa e Aleister Crowley” (2009). Nele, Dix oferece uma leitura sóbria e rigorosamente analítica de todos os aspectos envolvendo o encontro entre Pessoa e Crowley, organizando, inclusive, um breve arranjo sistemático das diferentes aproximações que a crítica pessoana fez do tema.

É a essa segunda leva de estudos, portanto, que este artigo pretende se filiar ao propor uma interpretação de determinados elementos discursivos empregados por Fernando Pessoa na composição de “O Último Sortilegio” e na tradução do “Hymno a Pan”, de Aleister Crowley. Deve-se esclarecer, entretanto, que não serão conduzidas análises dos poemas em si, senão investigações do modo como autoria e ironia se manifestam e se imbricam no processo em que aquelas obras são (re)criadas sob o signo de Crowley.² Para tanto, estarão em exame, principalmente, as cartas em que Pessoa trata daqueles trabalhos. É necessário salientar aqui que, ao buscar evidenciar naquelas mensagens de Fernando Pessoa o seu “gosto pela ironia e pelo paradoxo” (Moisés, 1988: 185), não se pretende atribuir um caráter insólito ou inesperado à atitude dissimulada do poeta, mas tão somente revelar o modo como esse aspecto por demais característico da escrita pessoana, em suas várias manifestações, é utilizado no contexto específico do presente estudo.

Além do material encontrado nas edições onde a correspondência entre Pessoa e Crowley está parcial ou integralmente publicada, há, no extenso *corpus* crítico consagrado ao poeta, diversos fragmentos e notas que, de algum modo, fazem referência ao que se pode chamar de “episódio 666” na vida-obra de Fernando Pessoa.³ Em alguns desses escritos verifica-se que a opinião do poeta sobre o mago inglês era, pelo menos, dúbia, como no caso dos dois testemunhos a seguir: “Crowley é, essencialmente, um grande homem, mas as suas deambulações à volta da celebridade não têm sido mais do que ocasionais imersões ébrias dentro e fora dela” (“Cr[owley] is essentially a great man, but he has been wandering around

² Para uma interpretação minuciosa da transposição dos versos de Crowley para o português, ver “O ‘Hino a Pã’ de Fernando Pessoa – tradução (traição) tradição” (2006), de Helena Barbas. Já “O Último Sortilegio” é interpretado por Dalila Pereira da Costa em passagens diversas do seu *O Esoterismo de Fernando Pessoa* (pp. 16, 56, 122-131, 162, 163) e por Alberto Pimenta, que associa aquele poema à figura “O mago”, do tarô, em um dos arcanos / capítulos que compõem o volume *A Magia que Tira os Pecados do Mundo*. Pimenta, por sua vez, faz menção ao artigo “O último sortilégio de Fernando Pessoa”, publicado em 1960 na revista *Ocidente*, por Isolda Tremel. Por fim, Luísa Alves, em seu artigo “Um excêntrico encontro anglo-português: Aleister Crowley e Fernando Pessoa” (1997) também faz breves apontamentos acerca de “O Último Sortilegio”.

³ A despeito da imediata relação desse número com a figura de Satã no imaginário popular, é controversa a questão do alegado diabolismo de Aleister Crowley. A despeito do que crê o senso comum, Massimo Introvigne (in Hanegraaff, 2006: 1036) qualifica Crowley como um “ateu mágico” que não deveria ser visto como um satanista no sentido estrito do termo. Marco Pasi (in Hanegraaff, 2006: 284) concorda com Introvigne e anota que, apesar da influência ulterior dos escritos do mago inglês em movimentos satanistas, não se poderia reconhecer em seu sistema ideias que o relacionassem à definição clássica de satanismo. A identificação com a Besta, de fato, deve-se mais à complexa simbologia que Crowley – como Pessoa, aliás – entendia estar oculta nos eventos relatados no Apocalipse de João do que a um *ethos* satanista. Daí que, para o mago, a entidade anunciada no último livro do Novo Testamento seria o profeta de uma nova religião que sucederia o cristianismo, papel em que Crowley se reconhecia. Já 666, de acordo com a tradição místico-cabalística, representa um número sagrado atribuído ao Sol (Kaczynski, 2010: 295).

celebrity with no more than occasional drunken *plunges into it and out again"; Pessoa, 2011: 279 [BNP/E3, 193^r]) e “[Crowley] apresenta-se ao mundo, simultaneamente, como um profundo ocultista e mago, e como uma espécie de charlatão. Não confirmo nem nego nenhuma das hipóteses. Mas a sua coexistência é perfeitamente possível” (“[Crowley] is presented to the world, simultaneously, as a profound occultist and magician and as a sort of mountebank. I neither affirm nor deny either presumption. But their conjunction is perfectly possible”; Pessoa e Crowley, 2010: 481, 551 [345-2^r]). Tanto é possível que, para Pessoa, “um charlatão não tem de ser um charlatão em tudo ou de ser sempre charlatão; um charlatão pode ser inspirado” (“A charlatan need not be a charlatan in everything or always a charlatan; a charlatan may be inspired”; Pessoa *apud* Centeno, 1985: 62 [BNP/E3, 54A-58^r]). Em um dos muitos fragmentos pertencentes ao texto inacabado denominado “Atrio”, Pessoa novamente trata da relação entre charlatanice e iluminação espiritual, valendo-se, para tanto, do exemplo de duas figuras bastante conhecidas e de um terceiro personagem que, mesmo incógnito, não parece ser outro senão o próprio Crowley: “É fóra de duvida que Cagliostro era um charlatão; mas não é menos fóra de duvida que era tambem, e paralelamente, um alto iniciado. É fóra de duvida que Madame Blavatzky era um espirito confuso e fraudoso; mas tambem é fóra de duvida que recebera uma mensagem e uma missão de Superiores Incognitos. Nos nossos dias ha um exemplo estrondoso da mesma mixtura; não o cito explicitamente por motivos faceis de comprehender” (Pessoa in Centeno, 1985: 52 [BNP/ E3, 53B-82^r]).⁴

Se as declarações de Fernando Pessoa certamente se aplicam a Crowley, elas também podem ser lidas como um julgamento que o autor de “Autopsychographia” faz de si mesmo, pois o poeta é o charlatão inspirado que mistifica e dissimula. No caso de Pessoa, não somente pela voz de seus *personae*

⁴ Curiosamente, em *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, mais especificamente em duas passagens do capítulo “A Besta 666”, João Gaspar Simões faz observações por demais semelhantes às do poeta: “Charlatanismo e magia sempre andaram a par. Cagliostro é a personificação da duplicidade” (1951: 261); e, a respeito de Crowley: “[...] veio Fernando Pessoa a conhecer um estranho homem, verdadeiro Cagliostro dos tempos modernos, em cuja complexidade e desenvoltura se acusam os traços típicos desse misto de charlatão e de inspirado que o nosso tímido mistificador de balde procurou ser” (1951: 264). Pode-se argumentar que, por ser já folclórica, a alegada charlatanice de Cagliostro (Riffard, 1996: 663) não é conhecida somente daqueles que se dedicam ao estudo do hermetismo, o que abonaria seu uso por Gaspar Simões na situação exposta; todavia, a similaridade entre as analogias e caracterizações estabelecidas por Simões e Pessoa é tamanha – inclusive com o emprego dos mesmos termos – que se pode perguntar se o poeta confidenciou opiniões por redigir ou já redigidas em notas esparsas a seu futuro biógrafo ou, talvez, se este teve acesso a documentos da arca pessoana que viriam a ser publicados pela primeira vez por Yvette Centeno somente em meados da década de 1980. Poder-se-ia considerar, também, que Pessoa e Simões simplesmente compartilhavam visões acerca do estatuto da magia e da relação entre esta e charlatanismo? Dada a ausência de informações que autorizam a confirmação definitiva das hipóteses anteriores, sim. Porém, tal consenso parece pouco provável quando o próprio Gaspar Simões, pelo que se lê em sua biografia de Pessoa, não parecia comungar do interesse do poeta pelo hermetismo.

literários, mas também, como se pretende mostrar neste artigo, na concepção das obras em que tais vozes se fazem ouvir. Curiosamente, em um dos textos da inacabada novela policiária *A Boca do Inferno*, Pessoa, oculto na figura do narrador, expressa determinadas opiniões sobre Crowley que igualmente caberiam ao poeta português: “Uma parte da personalidade [de Crowley] é irônica em relação à outra. O escalador de montanhas escarnece o poeta, o mago encolhe os ombros perante o escalador de montanhas, o homem prático é esconjurado pelo poeta” (“one part of the personality is ironic towards another. The mountain-climber sneers at the poet, the magician shrugs shoulders at the mountain-climber, the practical man is spell-stopped by the poet”; Pessoa e Crowley, 2010: 423, 514 [BNP/E3, 352-1^r]). Tem-se aqui, de fato, uma “relação existencial” bastante semelhante àquela que se dá, no plano literário, entre os membros da “coterie inexistente” a que Pessoa se refere na carta em que explica a Adolfo Casais Monteiro a gênese dos heterônimos (Pessoa, 2013: 641-653).⁵

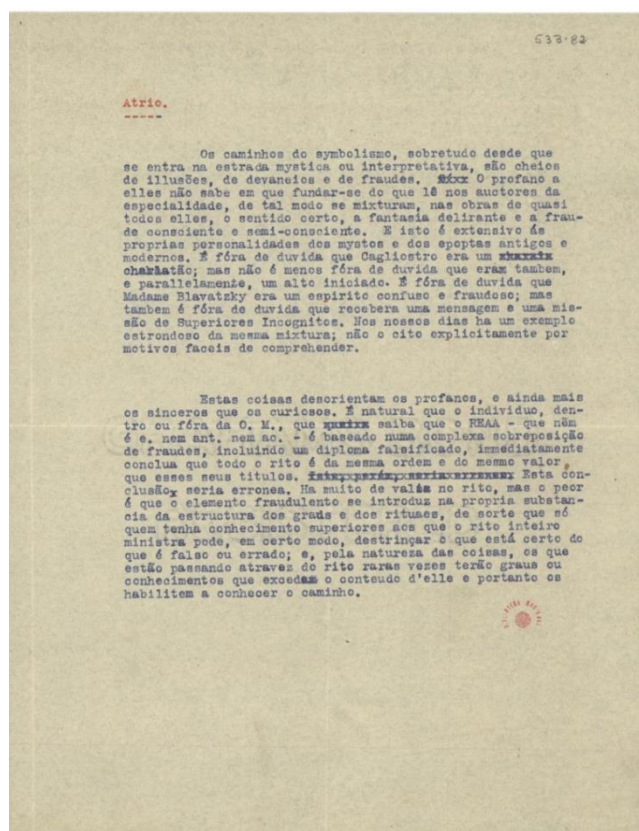


Fig. 1. BNP/E3, 53B-82^r.

Texto de “Atrio” com referência a Cagliostro.

⁵ Os editores confrontaram as duas cópias da carta conservadas no espólio de Fernando Pessoa (espólio n.º 3 da BNP) e o original que recebeu Adolfo Casais Monteiro (espólio n.º 15 da BNP); *vide* Pessoa, 2013: 696.

A influência de Crowley na escrita de “O Último Sortilegio” é explicitamente anunciada por Fernando Pessoa um dia após a composição do poema, numa carta datada de 16 de outubro de 1930: “Fez hontem annos o sr. engenheiro naval Alvaro de Campos, que não solemnizou os quarenta annos que fez com qualquer producção digna de ser produzida. Quem criminou fui eu, e, como vou enviar o poema para a “Presença”, mando-lhe uma copia (com esta carta se houver tempo, amanhã se não). Saiu-me directo e corrente esse poema, escripto, v. notará, na atmosphera do Crowley. Mas (e “mas” porquê?) parece-me que sahiu bom” (Pessoa e Crowley, 2010: 195-196 [BNP/E3, 249^a]).

Endereçadas a Augusto Ferreira Gomes, as palavras do poeta tomam a via do escárnio, pois, ao mesmo tempo em que manifesta satisfação com o desenlace da obra – credenciada, de certa forma, à incapacidade de Campos em compor bons versos no dia de seus anos –, Pessoa não se furta de observar, em um comentário parentético ligeiramente cínico, que o resultado final do “crime poético” foi positivo, a despeito da escrita em torrente e da declarada inspiração crowleyana.

No mesmo dia, Pessoa escreve a João Gaspar Simões e lhe envia o poema nascido na véspera, dando instruções ao amigo para a sua publicação e, também, uma peculiar informação sobre a essência daqueles versos:

Mando-lhe uma composição minha – alias feita hontem – para a “Presença”; mas realmente não sei se ainda chegara a tempo.

Chamo a sua atenção para um pormenor que é preciso vigiar nas provas – o qual pormenor é dois pormenores. Trata-se de não esquecer as aspas que marcam o poema como “dramatico”, isto e, fallado por terceira pessoa, e de verificar que, como essa pessoa é mulher (e, digamos, bruxa) os adjectivos nao saiam no masculino onde a pessoa fallante se refere a si-mesma.

Uma advertencia: este poema é uma interpretação dramática da “magia de transgressão”. Se, por alguma circumstancia, achar melhor não o publicar, não hesite em não o publicar.

(Pessoa, 1998: 129 [Sem cota]⁶)

As coordenadas traçadas por Pessoa em seu binário pormenor são bem definidas, quase didáticas, denotando certa preocupação de que o indevido entendimento do texto viesse a comprometer sua impressão. Pode-se mesmo dizer que tal zelo o leva a exercer o papel de um crítico literário que deslinda sua própria obra ficcional ao leitor. Por essa razão, seria contraditória a citação, em caráter de sobreaviso e sem qualquer esclarecimento, à “magia de transgressão”, já que, por conta desse atributo, é dada a Gaspar Simões a possibilidade de não publicar o poema. Porém, considerando o apreço de Pessoa pelas artes da dissimulação, é

⁶ Em posse de particulares (Manuela Murteira França) (cf. Pessoa, 1998: 444-445).

possível supor que sua advertência tenha sido registrada com sibilina ironia a fim de aguçar a curiosidade do amigo e, quem sabe, propor-lhe um desafio editorial...

Seja como for, a mesma enigmática “magia de transgressão” é novamente mencionada, dois dias depois, quando Pessoa torna a escrever a Ferreira Gomes, desta feita efetivamente lhe encaminhando o poema: “Como lhe prometti, mandolhe junto o tal poema que foi para a “Presença”. V. apreciará devidamente. O que o poema vale não sei; o que consegui⁷ é a atmosphaera sinistra da magia de transgressão” (Pessoa e Crowley, 2010: 200 [BNP/E3, 252^r]).

Nessa carta, Fernando Pessoa não só desconsidera o uso de aspas quando menciona a expressão “magia de transgressão”, como também acrescenta a ela o predicado “atmosphera sinistra”, o qual, de resto, remete à “atmosphera do Crowley” por ele referida no primeiro registro epistolar a “O Ultimo Sortilegio”, feito exatamente a Ferreira Gomes. Apesar da escassez de detalhes, parece haver entre o poeta dos heterônimos e aquele seu correspondente um entendimento mútuo acerca das questões herméticas que, segundo Pessoa, instigaram a escrita do poema. A observação “V. apreciará devidamente” corrobora essa hipótese. Contudo, no mesmo documento, Pessoa alega desconhecer o “valor” dos versos de “O Ultimo Sortilegio” e que nele o efeito da “atmosphera sinistra da magia de transgressão” fora obtido quase de modo culposo. A considerar os “pormenores” apontados por Fernando Pessoa nas “normas para publicação” enviadas a Gaspar Simões, é possível suspeitar que o poeta tenha ocultado de seu amigo determinadas minúcias do poema.

Em 20 de outubro de 1930 Fernando Pessoa envia à Alemanha uma tradução de “O Ultimo Sortilegio” para a língua inglesa. Embora o destinatário fosse Karl Germer, seguidor de Crowley e editor de alguns de seus livros, não há dúvidas de que a carta e o poema seriam lidos também pelo mago, então naquele país (Pessoa e Crowley, 2010: 207 [BNP/E3, 255- 1 e 2]).

O teor da missiva, no princípio, é bastante irônico, com Fernando Pessoa narrando o envio à *Presença* de um “poemeto”, escrito no dia 15 de outubro, com o intuito de agradar a “certos católicos, não desligados de círculos oficiais” (“certain Catholic persons not unconnected with official circles”; Pessoa e Crowley, 2010: 205, 357 [BNP/E3, 255-1^v]), por eles terem entrevisto manobras satânicas no falso suicídio de Crowley em Lisboa. Ao supostamente abandonar as pilhérias, porém, a voz do poeta assume um tom que em nada faz lembrar aquele utilizado nas correspondências com Ferreira Gomes e Gaspar Simões:

⁷ O «r» final foi riscado: consegui<r>. Corrige-se a leitura do livro consultado: o verbo não termina em infinitivo.

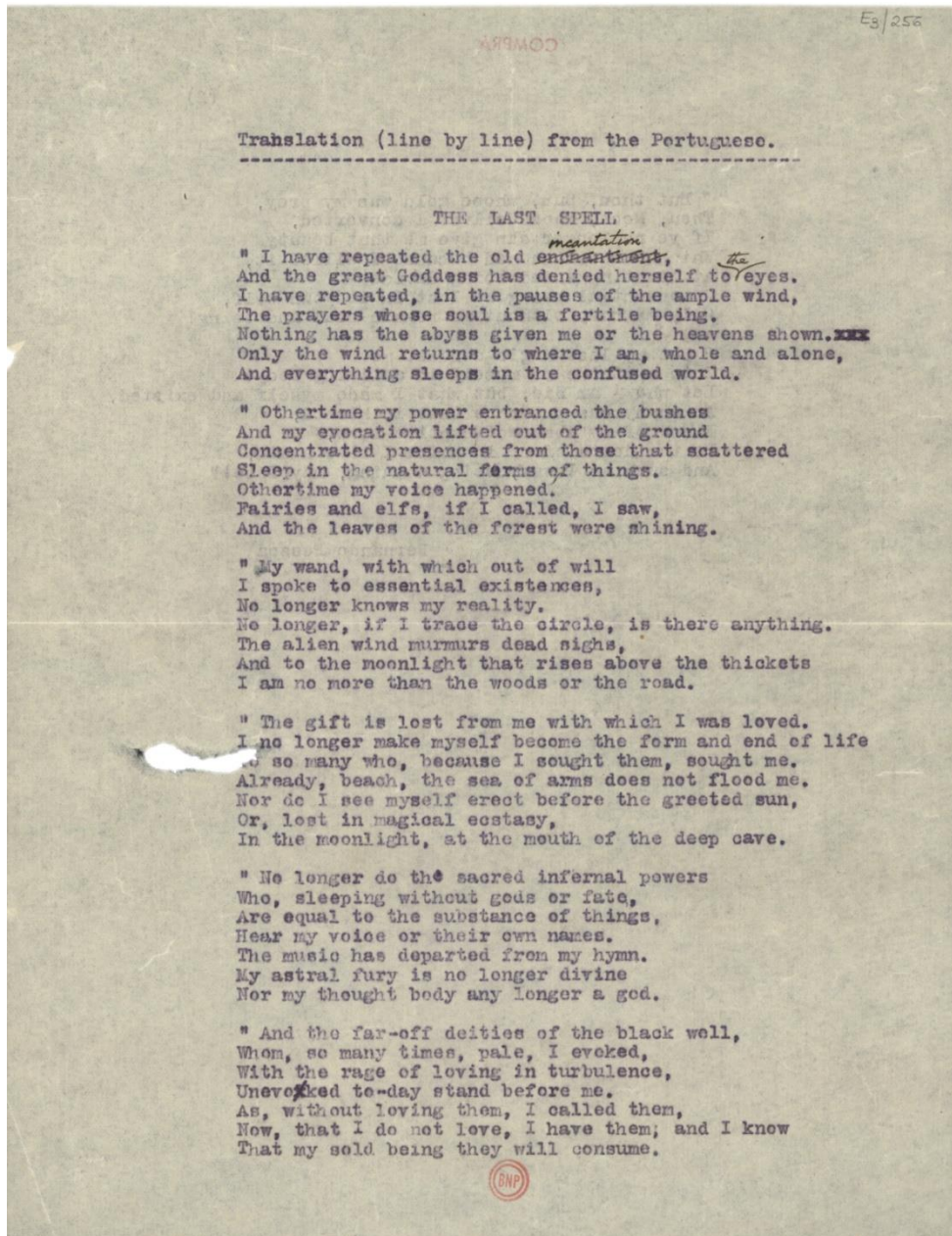


Fig. 2. BNP/E3, 256-1.

Tradução enviada para Karl Germer (rosto da folha).

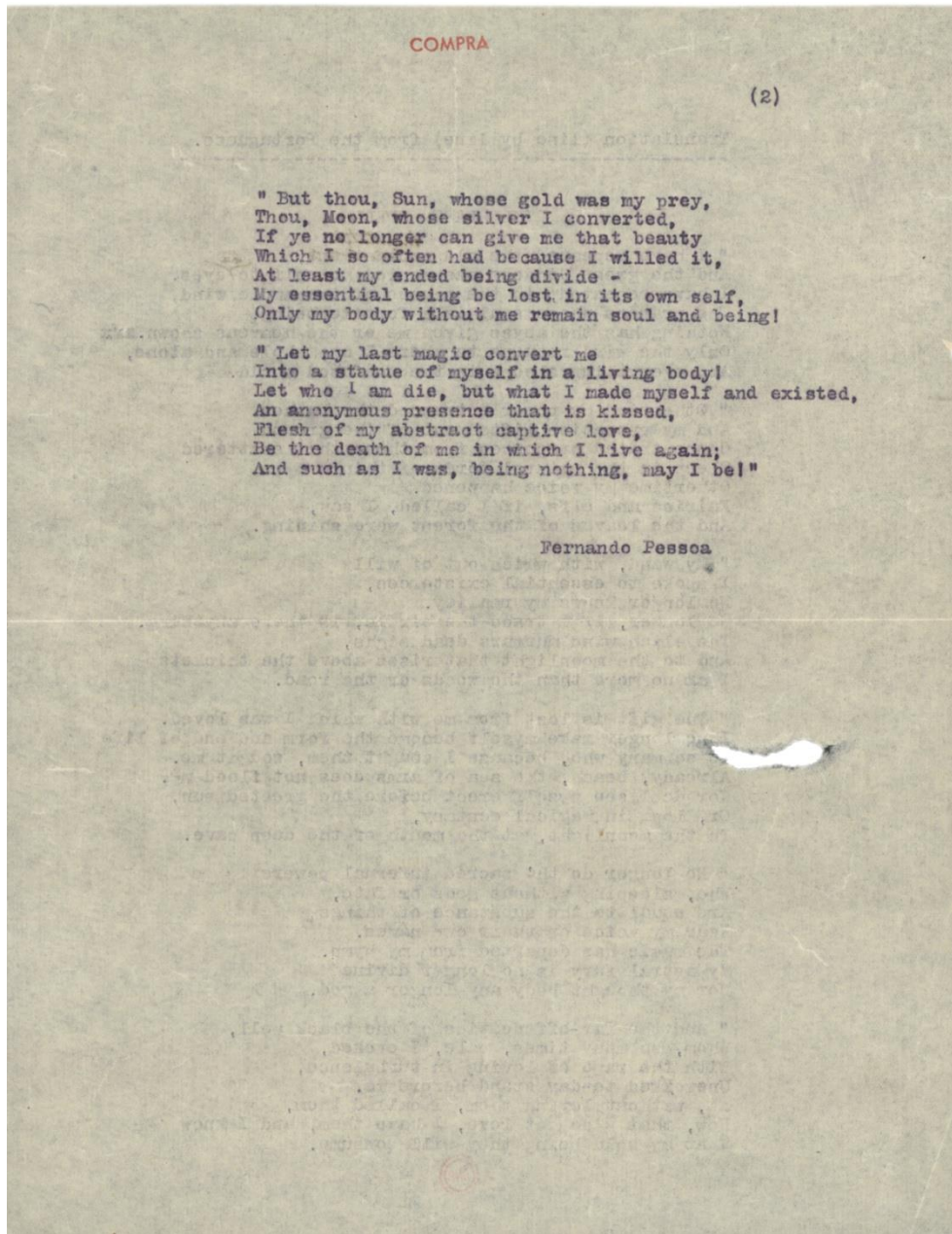


Fig. 3. BNP/E3, 256-1v.
Tradução enviada para Karl Germer (verso da folha).

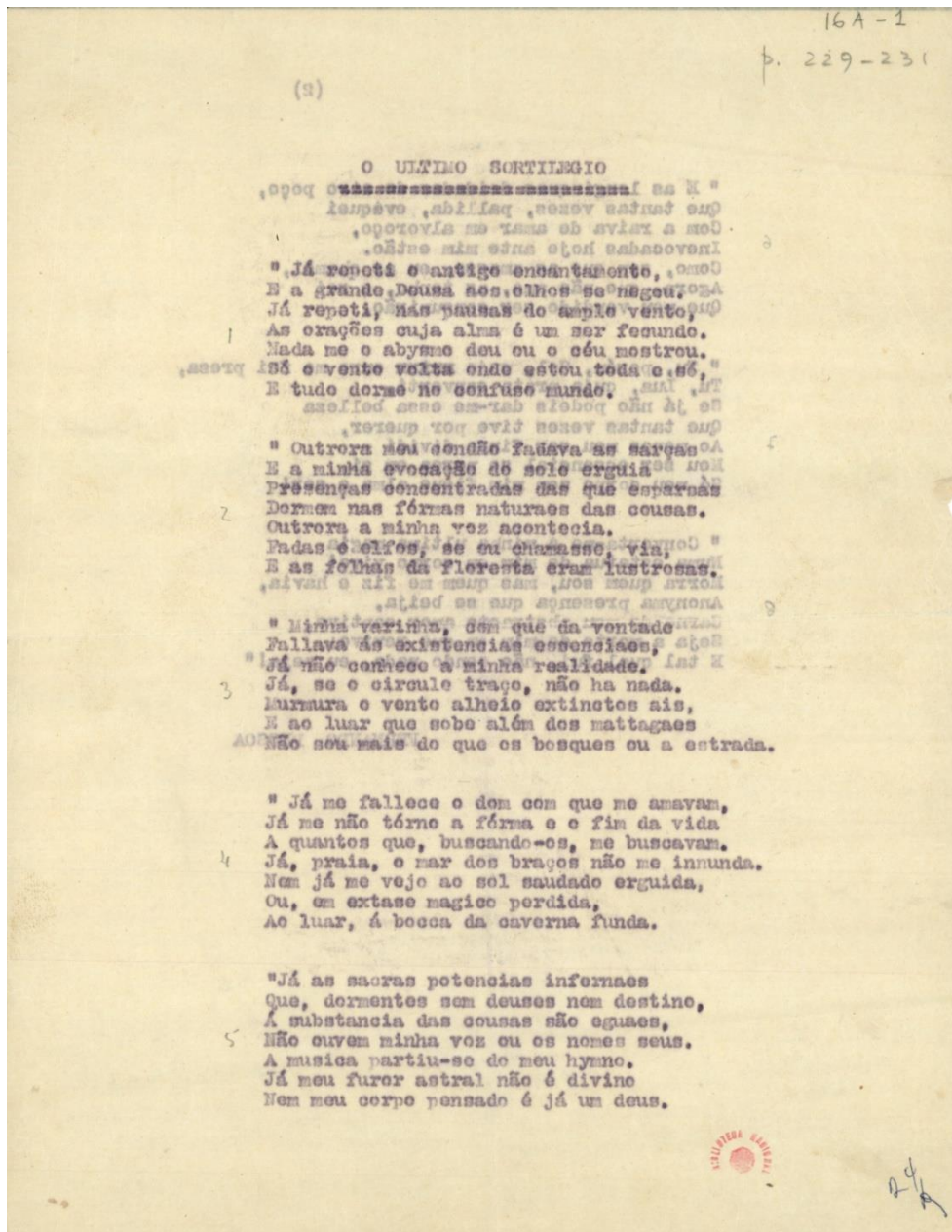


Fig. 4. BNP/E3, 16A-1.

Versão dactilografada de "O Último Sortilegio" (rosto da folha).

Falando agora a sério, não sei exactamente o que estava a escrever quando compus aquilo, mas certo é que o redigi de uma penada, agindo como um médium intelectual para a estranha sacerdotisa imaginária da minha própria invenção. O poema, austeramente clássico no tom, provavelmente não faz sentido, dado que sou bastante ignorante quanto à linguagem interior do assunto; todavia, tal como saiu de mim, assim caiu e assim se foi. Nem que seja por aquele verso ocasional sobre “as sacras potências infernais” gostaria de o ver impresso.

(Pessoa e Crowley, 2010: 205-206)

Seriously, now, I do not know exactly what I was writing when I wrote that thing, but I certainly wrote it straight off, acting as an intellectual medium for the imaginary weird priestess of my own devising. The poem, which is severely classical in tone, is probably all nonsense, since I am quite ignorant of the inner language of the subject; yet, just as it issued out of me, just so it went down and went off. If only for that casual verse about “the holy infernal powers”, I should like to see it printed.

(Pessoa e Crowley, 2010: 357 [BNP/E3, 255-2r])

É verdade que, a Ferreira Gomes, Pessoa já havia dito não saber do valor de “O Ultimo Sortilegio”. Entretanto, o mesmo poeta que em duas ocasiões anteriores havia enfaticamente relacionado aquele poema à “magia de transgressão”, alega agora a Germer/Crowley ignorar o que escreveu naqueles versos e qualifica-os como sem sentido, já que desconhece a “linguagem interior do assunto”. A impressão que se tem, quando se coteja essa carta com aquelas lidas anteriormente, é de que Pessoa está a falar de algum outro texto seu. Todavia, não bastasse a comprovação pela data de composição do “poemeto”, tem-se, ainda, a menção às “sacras potências infernais” que, de fato, são evocadas no primeiro verso da quinta estrofe.

Como no verso “não meu, não meu é quanto escrevo” (2009: 131), Pessoa apresenta-se como mero receptáculo de um conhecimento ininteligível, negando, definitivamente, a intencionalidade da composição de “O Ultimo Sortilegio” ao atribuí-la a uma “sacerdotisa imaginária” – a “bruxa” mencionada a Gaspar Simões – que, de posse do seu intelecto, comunicou-lhe aqueles versos por meio de uma espécie de escrita mediúnica. Considerando que, num estudo sobre a mediunidade, Pessoa (1977: 505-509 [BNP/E3, 54A- 81r]) postula que esse fenômeno “resulta de um desequilíbrio mental, análogo ao produzido pelo alcoolismo”, é tentador pensar que, em 15 de outubro de 1930, Pessoa tenha sido arrebatado, com a pena em punho, por um transe etílico propiciado, quiçá, pela comemoração do aniversário de Álvaro de Campos...

Ironias – não as pessoas – à parte, é plausível cogitar que as discrepâncias e fabulações na carta de Fernando Pessoa a Germer/Crowley foram urdidas com o intento de não revelar ao mago a influência de seus escritos nos versos do seu confrade português. Dessa forma, “O Ultimo Sortilegio” passaria a ser, então, aos olhos de Crowley, o fruto de sementes plantadas no poeta por uma arcana musa e não o “mero” produto do engenho de um artífice das palavras. Também não é

infundado supor que, com isso, Pessoa tenha desejado criar em torno de seus dotes poéticos uma aura mística a fim de impressionar, e ludibriar, o Mestre Therion. Não se deseja, entretanto, negar categoricamente a possibilidade de uma inspiração mística – de ordem teórica ou empírica – na escrita de “O Ultimo Sortilegio” ou atribuir ao poema uma explicação racionalista que condescenda, por um sarcasmo outro que não o do discurso do poeta, com o interesse deste pelo esoterismo. Antes, considerando o abundante material que veio à tona após décadas de estudos pessoanos beneficiados pela consulta do espólio e da biblioteca particular de Pessoa, parece mais apropriado lembrar-se do que ensinou Jorge de Sena quando chamou atenção para a necessidade de se levar a sério, por um olhar crítico, o ocultismo na obra do autor: “uma visão esotérica do mundo [...] não existe, nem é possível, sem ironia” (Sena, 2000: 142). Cabe ainda lembrar, ao término desse raciocínio, o apodo “esotérico ambíguo”, atribuído a Fernando Pessoa por Richard Zenith (2006a: 467) por conta do “ceticismo inveterado [que] não permitia [ao poeta] levar nada totalmente a sério” (2006a: 469).

Pode-se notar, também, na referência às condições em que o poema foi escrito – “de uma penada” –, um vislumbre do furor criativo que Fernando Pessoa dizia ter tomado conta de si no mítico “dia triunfal”, conforme relato feito a Adolfo Casais Monteiro cinco anos depois dos eventos analisados neste estudo: “[...] acerquei-me de uma commoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa especie de extase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triumphal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim” (Pessoa, 2013: 646-647).

É possível, uma vez mais, notar certa semelhança entre as circunstâncias envolvendo a escrita de “O Ultimo Sortilegio” e aquelas do “dia triunfal” em uma carta datada de 26 de outubro de 1930, quando Pessoa declara a Gaspar Simões que “Nada ha de especial a indicar na genese do poema” (Pessoa, 1998: 134). Em termos semelhantes àqueles dirigidos a Ferreira Gomes, ele continua:

Escrevi-o a 15 d’este mez, á noite, em seguida a escrever trez quadras muito simples. Tanto estas, como elle, foram productos directos e espontaneos.

Causou-lhe estranheza, talvez, o assumpto. Isso, porém, procede de v. desconhecer outros poemas meus, ineditos, no mesmo genero. Tenho um, incompleto, “Lucifer”, que vae muito além d’este na mesma direcção; e esse é já antigo. A mesma nuvem paira sobre os cinco poemas a cujo conjuncto chamei “Além-Deus”, e que escrevi ha ainda mais tempo; são cinco pequenos poemas, completos, e estiveram para ser publicados (chegaram a ser impressos) num “Orpheu 3” que foi frustrado de cima. E, além d’estes, ha ainda outros poemas, incluindo um soneto sobre o Gomes Leal, que deve conhecer, pelo menos da Anthologia do Salão de Outomno.

Deveras e realmente, não posso dar-lhe explicação nenhuma sobre a genese particular d’este poema. Sobre a genese geral d’essa ordem de poemas é que talvez haveria alguma cousa a dizer. Mas isso não tem interesse esthetico nem psychologico.

(Pessoa, 1998: 134 [Sem cota])

De certa forma, o conteúdo desta carta permite que se reconheça em Fernando Pessoa a figura de um hierofante que gradativamente inicia Gaspar Simões nos mistérios dos textos integrantes daquilo que os comentadores pessoanos viriam a qualificar como a “produção ocultista” do poeta (Bréchon, 1999: 457). Transcorreriam mais alguns meses, porém, até que Pessoa revelasse a Simões outro grau daquela peculiar ordem de poemas, desta feita, com a divulgação da tradução do “Hymno a Pan”, de Aleister Crowley.

“Ode de horrível sensualismo nocturno”, nas palavras de Mário de Albuquerque (in Coelho, 1978: 989), o “Hymno a Pan”, ou antes, a tradução realizada por Fernando Pessoa – a última publicada em vida (Baptista in Lopes, 1993: 77) –, veio a lume poucos meses depois da publicação de “O Ultimo Sortilegio”, sendo mencionada pelo poeta em nove cartas, de dezembro de 1930 a dezembro de 1931, considerando a correspondência publicada até o presente. Dessas nove, as mais importantes para este estudo são as três primeiras, pois é nelas que Pessoa contextualiza a tradução e assinala os critérios utilizados para recriar o poema em língua portuguesa. O que se lê nas demais mensagens, enviadas a Crowley e a Gaspar Simões, são conversas envolvendo a data de publicação do texto, observações sobre a necessidade de ajuste em alguns versos e, por fim, satisfação com a aparição do poema na edição 33 de *Presença*.

A primeira carta, datada de 3 de dezembro de 1930, é enviada a Karl Germer – e certamente seria lida também por Crowley –, apresentando a versão em português do “Hymno a Pan” como “um dos produtos do meu recente repouso inquieto” (“one of the products of my recent peaceless repose”). Segue-se então uma explicação da metodologia utilizada para que o “ritmo original [fosse] originalmente mantido e a forma e cor do sentido não se [perdessem]” (“rhythm of the original [was] strictly maintained and the form and colour of the meaning [would not be] lost”; Pessoa e Crowley, 2010: 255, 375 [BNP/E3, 284-1^v]). Essa argumentação, todavia, é refutada por Helena Barbas em seu meticuloso estudo já citado, o qual será comentado mais abaixo.

De interesse agora é a carta escrita por Pessoa em 6 dezembro de 1930. Endereçada a Gaspar Simões, ela não somente faz a segunda referência textual ao “Hymno a Pan”, como sugere uma relação, ainda indefinida, entre aquele poema e “O Ultimo Sortilegio”:

Como v. se interessou tanto por “O Ultimo Sortilegio”, envio-lhe, como simples curiosidade, a tradução que fiz, do inglez, de um “poema magico” a valer – o “Hymno a Pan”, que constitue o “prefacio” do tratado “Magia” do Mestre Therion. *Este poema não é para se publicar*, mas só para v. ler. Tambem lhe peço que o não mostre a muita gente. Não digo que se não pudesse publicar, mas o ponto é que, para isso, seria precisa a auctorização

do Mestre Therion; e o Mestre Therion desapareceu, não se sabendo se suicidou (como a princípio eu mesmo acreditei), se simplesmente se escondeu, se foi assassinado (extranha *hypothese*, em princípio, mas que, ao que me consta, é — ou pelo menos foi — a do policia inglês que aqui esteve a investigar o caso).

(Pessoa, 1998: 143; [Sem cota])

Viu-se anteriormente que Fernando Pessoa, ao enviar “O Ultimo Sortilegio” a Gaspar Simões, deu ao editor da *Presença* a opção de vetar o poema nas páginas da revista pelo suposto caráter proscrito daqueles versos; meses depois, o poeta apresenta outro texto a Simões e agora é ele mesmo, Pessoa, que decreta a não publicação e a circulação restrita da obra, sob o pretexto de que era necessário obter autorização prévia de Crowley, referido então como “Mestre Therion”. Note-se que, nos dois casos, Pessoa é enfático ao determinar a magia como o eixo temático dos poemas, o que permite supor que ele estivesse, também com o “Hymno a Pan”, menos interessado na efetiva recusa de sua tradução, do que na criação de uma atmosfera de mistério que excitasse a curiosidade de Simões, aparentemente sempre propensa aos ardis literários do poeta dos heterônimos. Afinal, como lembra Helena Barbas (2006: 5), “Gaspar Simões publicaria qualquer coisa que Pessoa lhe indicasse”.

Em 4 de janeiro de 1931, Fernando Pessoa torna a escrever a Simões, revelando ao crítico a identidade do Mestre Therion e dissipando as dúvidas sobre sua existência heteronímica, como supôs o editor da *Presença* na resposta à primeira carta do poeta. Em seguida, Pessoa repete o que já havia dito anteriormente sobre a origem e os atributos do “Hymno a Pan”. Nos parágrafos finais, porém, figuram as informações mais significativas:

Lembrei-me um dia de traduzir o “Hymno a Pan”, o que fiz, conforme o meu criterio de traduzir verso, em absoluta conformidade *rhythmica* com o original. Mandei a v. o poema para, como lhe disse, v. ver o que é propriamente um “poema magico”, em comparação com um simples “poema a respeito de magia”, como é o meu “Ultimo Sortilegio”.

Reflecti, depois de lhe escrever, sobre o que lhe havia dito de o poema não dever ser publicado. Não vejo, afinal, inconveniente nisso, se v. achar interessante publical-o. Tem, pelo menos, a vantagem de ser singular: não creio que haja em portuguez (natural ou traduzido) outro poema precisamente d’essa ordem. Pode, pois, v. publical-o se quizer.

(Pessoa, 1998: 147-148 [Sem cota])

Tal como na carta a Germer, Fernando Pessoa discute aqui a sua tradução, igualmente ressaltando o comprometimento com o ritmo do texto original na transposição dos versos para o português. O veto à divulgação do poema, enfatizado na mensagem anterior a Gaspar Simões, agora é suspenso, cabendo novamente ao editor a decisão de colocá-lo ou não nas páginas da revista – embora Pessoa implicitamente defenda a publicação daqueles versos pelo seu ineditismo na poesia de língua portuguesa. Finalmente, a natureza da relação entre “O Ultimo Sortilegio” e o “Hymno a Pan”, somente aludida pelo poeta na primeira carta a

Simões, é agora explicitada, ou seja, estabelece-se um paralelo entre o primeiro, um “poema a respeito de magia”, e o segundo, um “poema magico”.

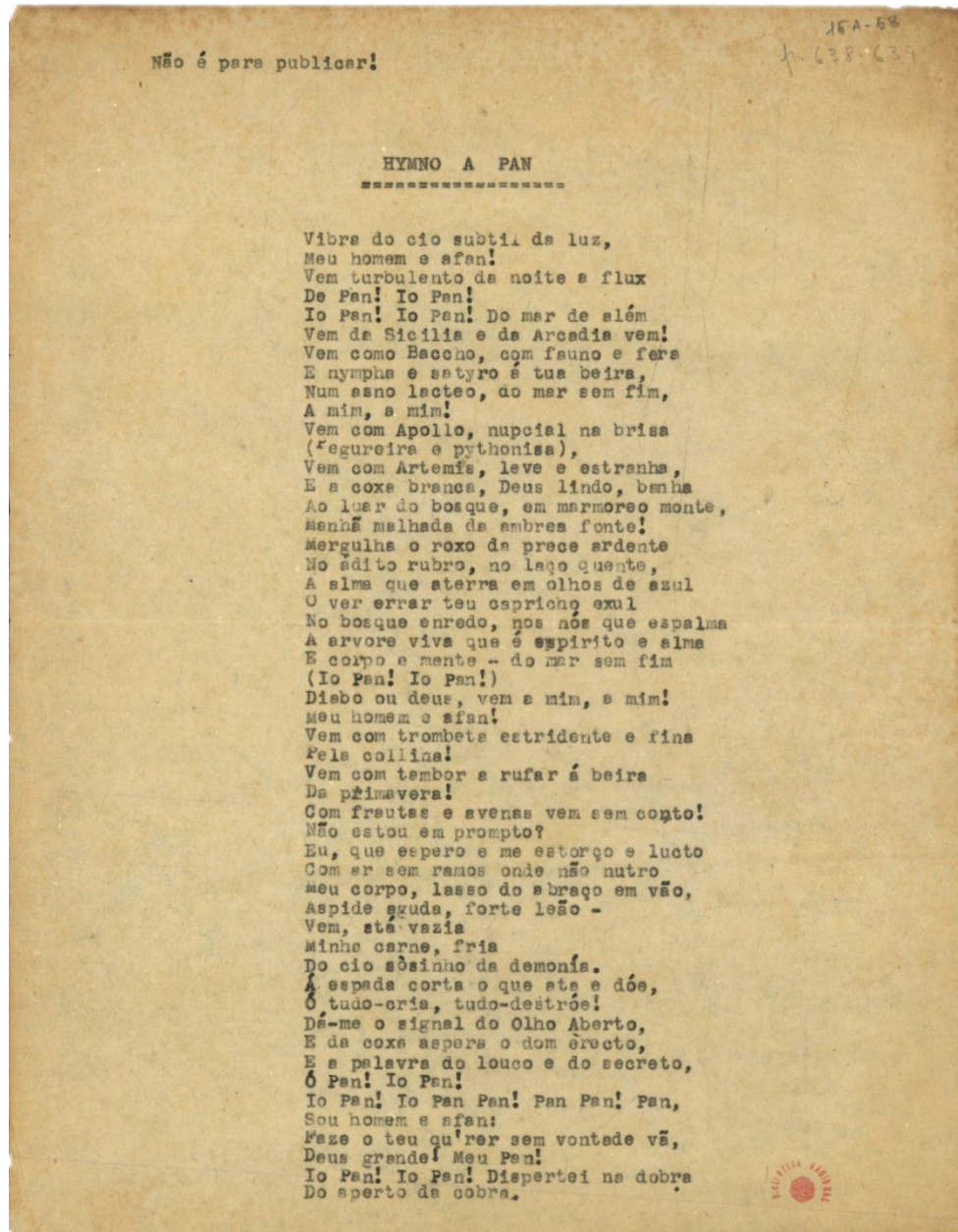


Fig. 6. BNP/E3, 16A-68r.

Versão dactilografada de “Hymno a Pan” (primeira folha).

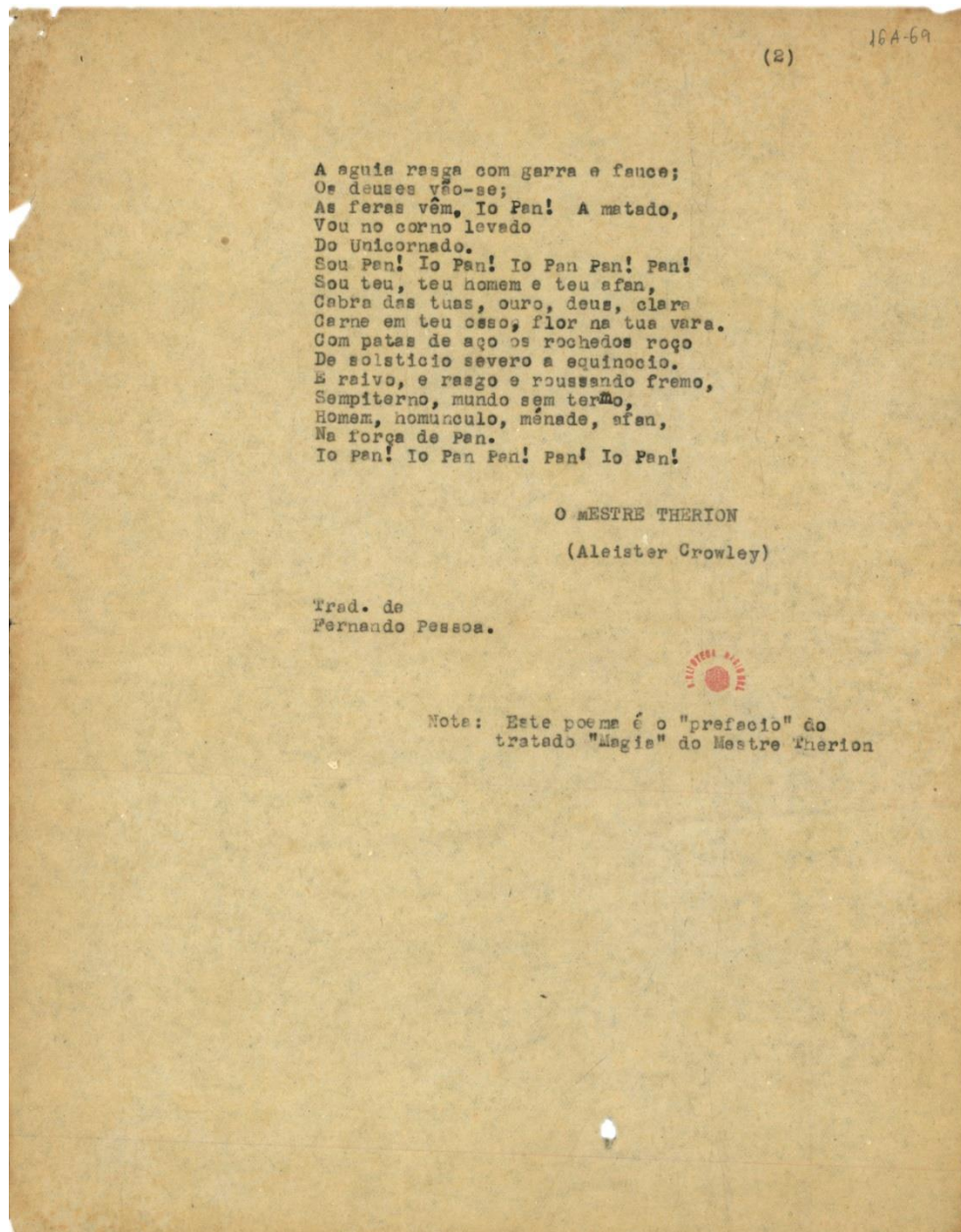


Fig. 7. BNP/E3, 16A-69r.

Versão dactilografada de "Hymno a Pan" (segunda folha).

Por fim, é também em sua correspondência, mais especificamente, no pós-escrito de uma carta enviada a Augusto Ferreira Gomes, que Fernando Pessoa fingidamente afirma desconhecer um dos elementos basais para sua tradução do “Hymno a Pan”. A carta, datada de 19 de outubro de 1930, traz o seguinte comentário de Pessoa em resposta a uma pergunta que Gomes lhe fizera, a propósito de uma correspondência recebida de Hanni Jäger, então amante de Aleister Crowley: “[...] O ‘93’ é uma historia qualquer que essa gente põe nas cartas, em maneira de saudação, supponho, mas cujo sentido ignoro” (Pessoa e Crowley, 2010: 202 [BNP/E3, 254-1^r]). A devida compreensão do número 93 no contexto apropriado e o exame de alguns escritos de Pessoa revelam, contudo, que ele mentira.

Antes, porém, é importante apontar que a expressão “essa gente” instaura um distanciamento que, por sua vez, confere autenticidade ao dissimulado desconhecimento do poeta acerca do significado de “93”. Essa expressão, aliás, repete-se em outros textos em que Pessoa se refere, com acrimônia, a esotéricos e místicos, tais como este do *Livro do Desassossego*:

Tive sempre uma repugnancia quasi physica pelas coisas secretas – intrigas, diplomacia, sociedades secretas, occultismo. Sobretudo me incommodaram sempre estas duas ultimas coisas – a pretensão, que teem certos homens, de que, por entendimentos com Deuses ou Mestres ou Demiurgos, sabem – lá entre elles, exclusos todos nós outros – os grandes segredos que são os caboucos do mundo.

Não posso crer que isso seja assim. Posso crer que alguém o julgue assim. Porque não estará essa gente toda doida, ou illudida? Por serem varios? Mas ha allucinações collectivas.

(Pessoa, 2013: 442-443)

Assim falava o autor do *Livro do Desassossego*, que, em outra passagem – não incluída em todas as edições da obra – questiona: “Mas quem nos diz, afinal, que o iniciado, quando íncola dos penetrais dos mistérios, não é senão avara presa da nossa nova face da ilusão? Que é a certeza que tem, se mais forme que ele a tem um louco no que lhe é loucura?” (Pessoa, 2006c: 394-395; trecho excluído em Pessoa, 2010). E ainda, num texto não assinado, existe uma crítica muito severa: “Os mysticos, os esotericos, e outra gente assim, teem sido sempre, notavelmente falhos de lucidez, de grandeza intellectual e de espirito comprehensivo e claro” (in Lopes, 1990: II, 363).

No que tange a “essa gente” referida por Pessoa em sua carta a Ferreira Gomes, trata-se, além do próprio Mestre Therion e sua concubina, dos adeptos da doutrina de Thelema, ditos thelemitas, os quais frequentemente se saúdam com “93”, como explica Richard Kaczynski, biógrafo de Crowley. Ainda de acordo com Kaczynski, “thelema”, em grego, traduz-se como “vontade”, sendo 93 seu valor na cabala grega. Por essa razão, Crowley abreviou a expressão “Faz o que queres será a sumula da Lei” [“Do what thou wilt shall be the whole of the Law”] como “93” (Kaczynski, 2009: 62).

Estando esclarecido, de modo bastante simplificado, o significado do número 93 na esfera dos escritos de Aleister Crowley, pode-se então verificar, nos fragmentos a serem analisados mais abaixo, o grau de conhecimento que Fernando Pessoa detinha sobre a doutrina de Thelema.

Segundo Marco Pasi (2001: 708), é pouco provável que Pessoa tenha lido o *Livro da Lei*, portanto seus conhecimentos do assunto originaram-se das leituras de *Magick in Theory and Practice*⁸ e, possivelmente, das conversas com Crowley quando do encontro entre os dois. Com efeito, no fragmento de *A Boca do Inferno* já referido acima, Pessoa associa a figura do mago inglês diretamente a Thelema, todavia sem fazer menção àquele termo: “Uma certa fraqueza da vontade, um certo vacilar nos propósitos parecem atravessar, como um fio, toda a vida deste homem [Crowley]. Talvez no seu íntimo se tenha mantido fiel àquela ‘real vontade’ que prega” (“Some infirmity of will, some vacillation of purpose seems to run like a thread through the whole life of the man [Crowley]. Perhaps within himself he had kept to that ‘true will’ he preaches”; Pessoa e Crowley, 2010: 423, 514 [BNP/E3, 352-1^r]). Ressalte-se, todavia, que os fundamentos thelêmicos, embora assimilados pelo poeta luso, não foram aceitos de modo incondicional, sem questionamento, o que por certo revela uma conduta condizente com a mentalidade de quem dizia não concordar com “coisa nenhuma, nem mesmo com o que eu proprio digo” (Pessoa, 2006b: 384 [BNP/E3, 133G-60^r]), como fica patente no apontamento a seguir: “Liberdade, quer dizer não se subordinar a nada, nem ao proprio ideal, nem á propria personalidade, nem á Lei de Thelema que nos dá a nossa liberdade como nossa limitação” (Pessoa, 1989: 71 [BNP/E3, 26C-52^r]).⁹ Proveniente de um dos numerosos textos onde Pessoa se ocupa do gênio, essa declaração configura, aliás, uma das duas referências literais do poeta à “Palavra da Lei” (Kaczynski, 2010: 414), ainda que em ambas não se faça nenhuma associação explícita ao mago inglês, cujo nome não é citado. A despeito dessa omissão, a relação entre Crowley e Thelema em um registro textual de Fernando Pessoa pode ser de fato estabelecida na segunda ocasião em que o autor português efetivamente cita aquele termo, a saber, em uma nota na qual se refere a um verso do poema “Hymno a Pan”: “Do what thou wilt as a great god can’ traduz-se em português por ‘Faz o que queres, deus grande (magno), Pã’. ‘Faz o que queres’ é a correctá tradução portuguesa para ‘Do what thou wilt’ mas, se esta frase pretende dar o sentido exacto de ‘Fay ce que vouldras’ de Thelema, então o português correcto seria ‘Faz o que quiseses’” (“Do what thou wilt as a great god can’ is given in Portuguese as ‘Faze o que queres,

⁸ Volume presente na biblioteca do poeta e referido por ele em duas cartas a Gaspar Simões, a primeira datada de 06/12/1930 e a segunda de 04/01/1931 (Pessoa, 1998: 143, 147).

⁹ Pasi reproduz, em seu artigo “The influence of Aleister Crowley on Fernando Pessoa’s Esoteric Writings” (2001: 710), uma passagem onde Pessoa opõe-se à adoção da “doutrina do ‘faz o que quiseses’” por qualquer indivíduo, de modo indiscriminado, declarando que ela deveria ser aplicada somente ao “homem superior”, o único que verdadeiramente compreende seu real sentido.

deus grande (magno), Pan'. 'Faze o que queres' is the exact Portuguese translation of 'Do what thou wilt', but, if this phrase be meant to be the exact rendering of the 'Fay ce que voudras' of Thelema, then the exact Portuguese would be 'Faze o que quizeres'"; Pessoa e Crowley, 2010: 103 [BNP/E3, 214-1^r]).

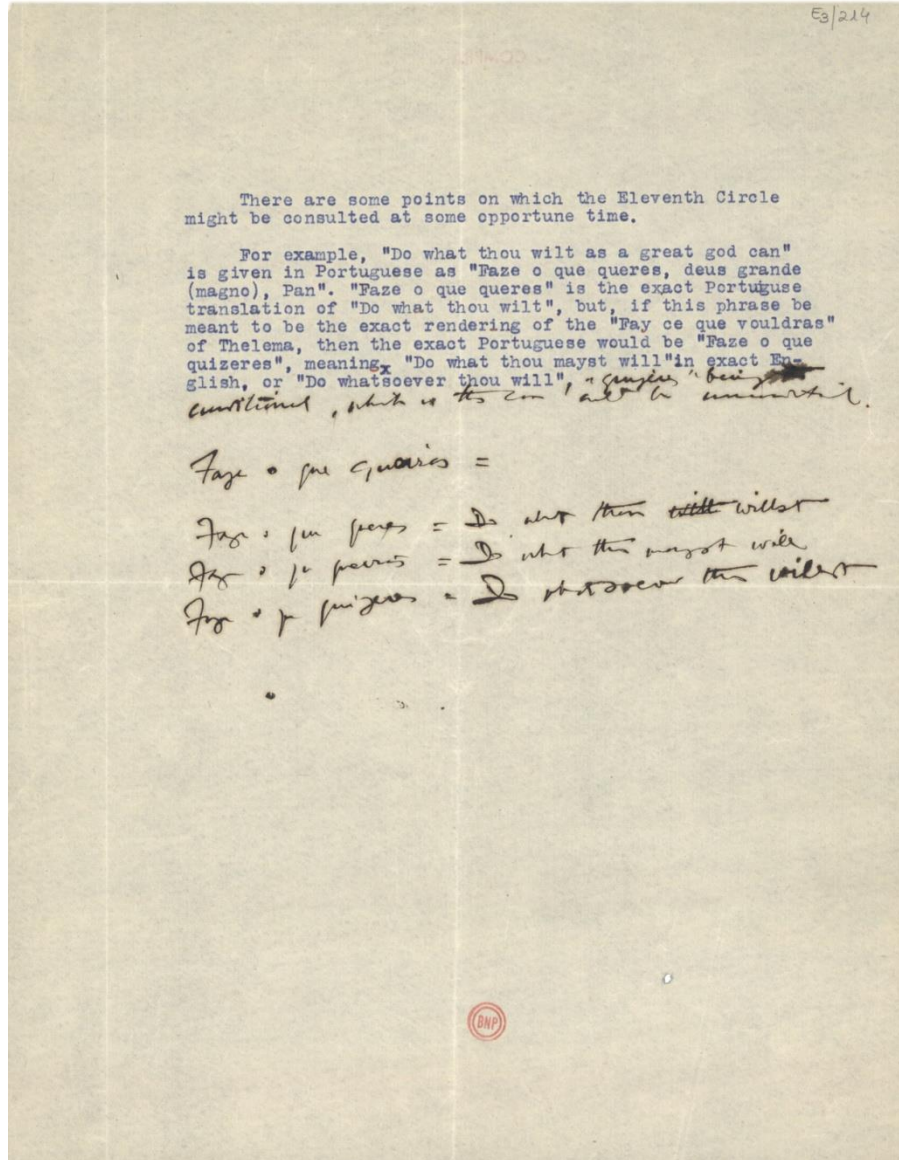


Fig. 8. BNP/E3, 214^r.

Sobre "Do what thou wilt as a great god can".

A fim de confirmar que Pessoa dissimulou a Ferreira Gomes sua familiaridade com os ditames de Thelema, é preciso prosseguir pelos meandros de seu raciocínio linguístico na nota acima.

Embora nela se repita a ausência de uma menção nominal a Aleister Crowley, a Thelema a que Pessoa diretamente faz referência, em francês, alude, de modo oblíquo, a outra das fontes de inspiração do mago na elaboração de sua doutrina, a saber, o episódio da abadia homônima em *Gargantua e Pantagruel*, de

Rabelais (Kaczynski, 2010: 128).¹⁰ Como indicado anteriormente, a religião de Thelema fundamenta-se no mote “Do what thou wilt shall be the whole of the Law”. O verso original de Crowley em seu “Hymno a Pan”, todavia, é “Do as thou wilt, as a great god can” (Pessoa e Crowley, 2010: 377). Considerando que o uso de “as” (conforme) em vez de “what” (o que) decorre, provavelmente, de uma preferência estilística do autor, pode-se aventar que essa alteração não fere o princípio semântico relativo à doutrina de Thelema. Há de se notar, contudo, que as considerações desenvolvidas por Pessoa partem não da linha do poema ou do axioma que sumariza aquele sistema filosófico-religioso, mas sim de uma sentença que os aglutina e, de certa forma, recria a máxima thelêmica sem modificar-lhe o cerne.

Por se tratar de uma nota redigida durante uma tradução em andamento, é plausível que esse “ato falho” seja tão somente consequência de uma citação feita sem a consulta ao material de origem – o que, aliás, tende a denunciar certa intimidade de um tradutor com a temática do texto-fonte.

Cabe, aqui, a propósito, uma necessária digressão a respeito de algumas noções de Fernando Pessoa sobre a prática da tradução, as quais estão diretamente relacionadas à questão da autoria do “Hymno a Pan”.

Ainda que não se possa garantir a intencionalidade do lapso cometido por Pessoa no documento acima, a hipótese de uma modificação consciente não deve ser desconsiderada, uma vez que o poeta-tradutor julgava o afastamento do texto original como o principal traço de uma tradução bem sucedida: “Uma interpretação é tanto mais perfeita quanto mais consegue fazer esquecer o objecto interpretado na propria interpretação. (É assim que uma traducção é perfeita quando parece não ser uma traducção.)” (Pessoa, 1966: 180 [BNP/E3, 20-101^v]). Essa argumentação, aliás, em certa medida corrobora a traição que Helena Barbas (2006) imputa a Pessoa na reescrita em português do “Hymno a Pan”.

Em seu estudo, Barbas defende a ideia de que, ao traduzir os versos de Crowley, o poeta lusitano deliberadamente pôs em prática uma série de alterações, entre elas a omissão da epígrafe oriunda do *Ajax* de Sófocles e o abrandamento da pronunciada expressão erótica do texto original. As mudanças mais expressivas para a pesquisadora, no entanto, são as de ordem semântica, pois invertem o sentido pretendido pelo mago em sua composição, disforizando-o e recriando-o a partir da concepção que Pessoa tinha da figura de Pã, diferente daquela do Mestre Therion. As observações de Barbas são extremamente precisas e coerentes, porém, agregando a elas o argumento de Pessoa, logo acima, pode-se considerar que o intento daquela operação de “reengenharia lírica” não foi o distanciamento do poema de Crowley, mas a perfeição no texto traduzido. Contribui para isso o fato

¹⁰ Os capítulos 53 e 54 do livro chamam-se, respectivamente, “Como foi construída e dotada a abadia dos telemitas” e “Inscrição colocada sobre a grande porta de Telesma” (Riffard, 1996: 614, 615).

de que o poeta – como visto nas cartas em que se refere àquela tradução – declara expressamente seu comprometimento com o ritmo do original, o que, de resto, também estava em concordância com os princípios que ele estabelecia para suas traduções. Com efeito, a obediência ao ritmo é percebida em mais de uma ocasião em que Pessoa escreveu sobre as prescrições por ele seguidas enquanto tradutor. No fragmento de um texto que principia pela observação “Poe (introd.)”, por exemplo, lê-se que “Um poema é uma obra litteraria em que o sentido se determina *atravez* do *rhythm*. O *rhythm* pode determinar o sentido inteira ou parcialmente. Quando a determinação é inteira, é o *rhythm* que talha o sentido, quando é parcial, é no *rhythm* que o sentido se precisa ou precipita. Na traducção de um poema, portanto, o primeiro elemento a fixar é o *rhythm*” (Pessoa in Lopes, 1993: 386 [BNP/E3, 14D-13^r]). Ideia semelhante, por sua vez, é reproduzida pelo poeta-tradutor no prefácio que possivelmente abriria sua versão inglesa para o livro *Canções*, de António Botto: “A minha tradução foi feita na mais perfeita e possível conformidade, tanto a nível expressivo como rítmico, com o texto original [...] Fiz os possíveis por escrever estes poemas em inglês no ritmo e no estilo exacto do poeta, como se ele os tivesse escrito nessa língua” (“My translation has been made in the most perfect possible conformity, both expressional and rhythmical, with the original text [...] I have done my best to have these poems set down in English in the poet’s exact style and rhythm, as if he had written them in the language”; Pessoa, 1999: 442 [BNP/E3, 86-9^r]). Certamente tais comentários poderiam ser aplicados, também, ao “Hymno a Pan”.

De qualquer forma, intencional ou não, a modificação na tradução da divisa thelêmica no fragmento citado anteriormente por certo configura mais um indício da falsa ignorância assumida por Fernando Pessoa em relação aos ensinamentos de Aleister Crowley, contribuindo, assim, para o desmascaramento do poeta.

Mas a condenação de Fernando Pessoa se torna de fato inapelável quando, no exame da versão final do poema do mago inglês, vê-se que a tradução para “Do as thou wilt, as a great god can” não foi aquela apresentada na nota referida acima, mas “Faze o teu querer sem vontade vã” (Pessoa e Crowley, 2010: 258). A leitura desse verso à luz dos textos apresentados na sequência demonstra, efetivamente, que a solução encontrada por Pessoa aliou seus dotes poéticos e de tradutor aos conhecimentos que ele possuía – embora os negasse – do sistema filosófico idealizado por Crowley. “Aparentemente há algo aviltante numa fórmula como ‘Faz o que queres será a sùmula da Lei’ [...]. À primeira vista, a fórmula é um simples apelo à licenciosidade sob todas as formas. Mas se for entendido que Vontade significa a vera Vontade da alma, [...] A fórmula, na sua essência, significa descobre o que és; descobre o que aquilo que és quer; faz o que queres tal como és” (“There is apparently something degrading in such a formula as ‘Do what thou wilt shall be the whole of the Law’ [...]. In immediate appearance, the formula is a simple call to licence in all ways. But, if it be understood that Will means the soul’s

true Will, [...] The formula, in its essence is, Find out what you are; Find out what you are wants; Do what you want as such as you are"; Pessoa, 2006a: 354, 355 [BNP/E3, 54A-83]). E também: "Seguindo o critério rigoroso dos ocultistas, mas aplicando fora de exacta conformidade entre os planos, alguns têm sustentado que em todos esses planos se deve aplicar a regra de Faz o que Queres. Mas este 'que queres' implica o conhecimento preliminar da Vera Vontade" (Pessoa, 2006a: 356 [BNP/E3, 54A-31]). Finalmente: "Assim a Lei é (1) descobrir o que somos, para que saibamos o que é que intima e verdadeiramente queremos, independentemente do que supomos que queremos ou do que julgamos que devemos querer; (2) conformar todos os nossos pensamentos, emoções e impulsos com essa nossa intima e verdadeira vontade" (Pessoa, 1988: 126 [BNP/E3, 54-76]).

As recorrentes menções à "Lei" e à "vera/verdadeira Vontade" confirmam, com base no que já foi exposto até o momento, que a doutrina de Thelema é o objeto das reflexões de Pessoa nos trechos acima, assim como o conceito subjacente no verso "Faz o teu querer sem vontade vã". Essa "vontade vã" que não é outra senão a antítese da "vera/verdadeira Vontade" que é Thelema (Bogdan, 2012: 95).

Antes de por um termo a esta investigação, convém lembrar que não cabe discorrer aqui sobre a recepção de Fernando Pessoa aos preceitos thelêmicos em cada um daqueles excertos citados e tampouco discutir a ascendência que eles por ventura tiveram em sua obra literária¹¹. Afinal, como apontado anteriormente, o foco deste estudo é a compreensão da postura assumida por Pessoa em relação à ascendência crowleyana, reconhecida por ele mesmo, na composição de "O Ultimo Sortilegio" e na tradução do "Hymno a Pan".

Assim, sob essa ótica, o exame da correspondência do poeta lisboeta ao longo do período em que ele se ocupou da redação daqueles dois textos revela a presença recorrente de pequenas, porém agudas, marcas de ironia e dissimulação nas referências ao papel desempenhado por Aleister Crowley e seu sistema filosófico-religioso na escrita de "O Ultimo Sortilegio" e da versão em português do "Hymno a Pan". Relacionadas e apresentadas em conjunto, como se objetivou fazer neste estudo, tais marcas desvelam, mesmo de relance, a imagem de um Fernando Pessoa que, familiarizado com elementos fulcrais do pensamento de Crowley, ora os escrutina de modo crítico, ora os incorpora à sua poética, sempre mantendo, entretanto, um distanciamento próprio de quem tem por princípio recusar a sujeição absoluta a qualquer ideia, mesmo que ela lhe seja inspirada por "[...] um homem fora do comum, seja ele a besta 666 ou nem sequer besta nenhuma" ("[...] a man [...] something out of the common, whether he be the Beast 666 or even no Beast at all"; Pessoa e Crowley, 2010: 420, 512 [BNP/E3, 348-2^r]).

¹¹ Vale apontar que, além de Robert Bréchon, citado anteriormente, outros estudiosos (Centeno, 1985: 23; Crespo, 1988: 367; Pasi, 2001: 711) consideram o encontro entre Aleister Crowley e Fernando Pessoa extremamente significativo para a produção poética de inspiração ocultista de Pessoa em seus últimos anos de vida.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Mário de (1978). "Satã e o Satanismo na literatura portuguesa", in Jacinto do Prado Coelho, *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Porto: Figueirinhas. 3.^a ed.
- ALVES, Luísa (1997). "Um excêntrico encontro anglo-português: Aleister Crowley e Fernando Pessoa", in *Revista dos Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 6, Lisboa, FCSH/FCT, pp. 83-121.
- BARBAS, Helena (2006). *O "Hymno a Pan" de Fernando Pessoa: tradução (traição) tradição*. Disponível online no link: helenabarbas.net/papers/2003_Pan_Hino_H_Barbas.pdf
- BELÉM, Victor (1995). *O Mistério da Boca-do-Inferno: o encontro entre o Poeta Fernando Pessoa e o Mago Aleister Crowley*. Lisboa: Casa Fernando Pessoa.
- BOGDAN, Henrik (2012). "Envisioning the Birth of a New Aeon: Dispensationalism and Millenarism in the Thelemic Tradition", in Henrik Bogdan e Martin P. Starr (org.), *Aleister Crowley and Western Esotericism*. New York: Oxford University Press.
- BRÉCHON, Robert (1999). *Estranho Estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa*. Tradução de Maria Abreu e Pedro Tamen, adaptação para o Brasil de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Record. 2.^a ed.
- HANEGRAAFF, Wouter J., et al. (2006) (eds.). *Dictionary of Gnosis & Western Esotericism*. Leiden; Boston: Brill.
- CENTENO, Y. K (1985). *Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética: fragmentos do espólio*. Lisboa: Presença.
- CRESPO, Ángel (1988). *A Vida Plural de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.
- DIX, Steffen (2009). "Um encontro impossível e um suicídio possível: Fernando Pessoa e Aleister Crowley", in Jerónimo Pizarro (org.), *Fernando Pessoa: o guardador de papéis*. Alfragide: Texto Editores, pp. 39-81.
- KACZYNSKI, Richard (2010). *Perdurabo: the life of Aleister Crowley*. Berkeley: North Atlantic Books.
- ____ (2009). *The Weiser Concise Guide to Aleister Crowley*. San Francisco: Weiser.
- LOPES, Teresa Rita (1993) (org.). *Pessoa Inédito*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ____ (1990). *Pessoa por Conhecer*. Lisboa: Estampa. 2 tomos.
- ____ (1977). *Fernando Pessoa et le Drame Symboliste*. Paris: F. C. Gulbenkian.
- PASI, Marco (2012). "September 1930, Lisbon: Aleister Crowley's lost diary of his Portuguese trip", *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 1, pp. 253-283.
- ____ (2001). "The Influence of Aleister Crowley on Fernando Pessoa's Esoteric Writings", in Richard Caron, Joscelyn Godwin, Wouter J. Hanegraaff e Jean-Louis Vieillard-Baron (org.), *Esotérisme, gnosés & imaginaire symbolique. Mélanges offerts à Antoine Faivre*. Peeters: Louvain, pp. 693-711.
- PASI, Marco, and Patricio FERRARI (2012). "Fernando Pessoa and Aleister Crowley: New Discoveries and a New Analysis of the Documents in the Gerald Yorke Collection", *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 1, pp. 284-313.
- PESSOA, Fernando (2013). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-China.
- ____ (2013). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-China.
- ____ (2011). *Cartas Astrológicas*. Edição de Paulo Cardoso com a colaboração de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Bertrand Editora.
- ____ (2010). *Livro do Desasocego*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2009). *Poesia 1931-1935 (e não datada)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ____ (2007). *Poesia (1918-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ____ (2006a). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição de Richard Zenith. São Paulo: A Girafa.
- ____ (2006b). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição Crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- ____ (2006c). *Livro do Desassossego*. Edição de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras. 2ª. ed.
- ____ (1999). *Poesia – Alexander Search*. Edição e tradução de Luísa Freire. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os Directores da Presença*. Edição de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1989). *Rosea Cruz*. Textos estabelecidos e apresentados por Pedro Teixeira da Mota. Lisboa: Manuel Lencastre.
- ____ (1988). *Moral, Regras de vida, Condições de Iniciação*. Textos estabelecidos e apresentados por Pedro Teixeira da Mota. Lisboa: Edições Manuel Lencastre.
- ____ (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- PESSOA, Fernando; CROWLEY, Aleister (2010). *Encontro “Magick” seguido de A Boca do Inferno (novela policíaria)*. Compilação e considerações de Miguel Roza. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PIMENTA, Alberto (1995). *A Magia que Tira os Pecados do Mundo*. Lisboa: Cotovia.
- RIFFARD, Pierre (1996). *O Esoterismo*. São Paulo: Mandarim.
- SENA, Jorge de (1984). *Fernando Pessoa & Cia Heterónima*. Lisboa: Edições 70. 3ª. ed.
- SIMÕES, João Gaspar (1951). *Vida e Obra de Fernando Pessoa: história duma geração*. Lisboa: Bertrand.